

JOEL SANTANA
"Sou um estrategista"

CUTMEN Eles
remendam os lutadores

E MAIS Copa no frio,
Obina, MLB 2010, Rúgbi

ESPN

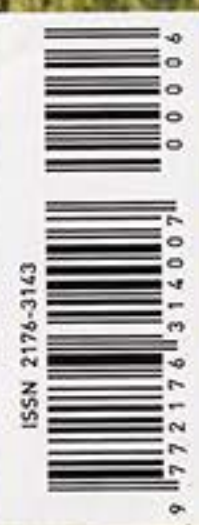


ROGÉRIO CENI

"Sou chato, só ganhei porque sou chato"
"O que se joga no Brasil não é futebol"

SPRING

ESPN Nº 6 ABR/2010 R\$ 9,90



CONTEÚDO

ABRIL 2010

38 VERY GOOD COACH

Joel Santana não faz questão de parecer intelectual ou professoral, mas não quer que isso o diminua como técnico: "Me considero um estrategista" **POR MAURÍCIO FONSECA**

44 (NEM) TODOS ODEIAM ROGÉRIO CENI

Goleiro do São Paulo reconhece a fama de chato, e concorda com ela: "Toda pessoa que é perfeccionista é chata. E só ganhei porque sou chato" **POR CAIO MAIA E LUÍS AUGUSTO SÍMON**

50 FUTEBOL NO SANGUE, NÃO NAS PERNAS

Só o futebol consegue rivalizar com a religião no lêmén, país famoso pelo isolamento político e disputas entre líderes tribais **POR CAIO VILELA**

56 CUTMAN

Do lado direito do córner, um macaco velho e suas poções misteriosas. Do lado esquerdo, um novato bom de marketing. Em jogo, o cinturão de melhor curador de ferimentos do boxe e do MMA **POR CHRIS JONES**

62 A OUTRA BOLA DE CHARLES MILLER

O rúgbi chegou ao Brasil junto com o futebol, na mala do anglo-brasileiro, mas só agora começa a dar os primeiros passos de verdade **POR FÁBIO FUJITA**

68 PÉ NO FREIO, PÉ NA COPA

Espanha? Inglaterra? Itália? Argentina? Talvez o pior adversário da Seleção na Copa não seja nenhum desses, mas as condições de clima e o desgaste físico dos jogadores **POR CARLOS EDUARDO FREITAS**

74 MUSEU A CÉU ABERTO... COM ACERVO ESCONDIDO

São Paulo é conhecida pelos arranha-céus, mas nem eles conseguiram apagar os rastros de alguns dos primeiros passos do futebol em território brasileiro **POR MARCO LOURENÇO E UBIRATAN LEAL**



ROGÉRIO CENI

POR CAIO MAIA E LUÍS AUGUSTO SÍMON FOTOS KIKO FERRITE

(NEM)

Todos odeiam Rogério Ceni



Reebok



OBCECADO POR RESULTADOS E SEM MEDO DE DIZER O QUE PENSA, CAPITÃO E SÍMBOLO DO MULTICAMPEÃO SÃO PAULO DESPERTA RAIVA, MAS TAMBÉM ADMIRAÇÃO NOS RIVAIS

ROGÉRIO CENI É UM CARA TÍMIDO. Apesar de ser um dos poucos jogadores do futebol brasileiro que ainda falam o que pensa, quando não está dentro de campo ou dentro do seu "papel" de goleiro e capitão do São Paulo, o paranaense de Pato Branco demora para se soltar. E nunca parece totalmente solto.

Até porque é também um cara que leva as coisas a sério. Tudo. Não gosta de posar para fotos porque acha que não sai bem. Da mesma forma como não gosta de errar. Não gosta, não: não admite. "Ceni é obcecado. Não admite um erro. Muitas vezes leva um gol indefensável, mas fica falando que dava para pegar", diz o preparador de goleiros Haroldo Lamounier, com ele desde 2003.

"Rogério se preocupa com o adversário, estuda quem vai enfrentar, quais as características dos atacantes. Tem uma liderança incrível dentro e fora do campo. É um trabalhador incrível. Quando eu o escolhi para cobrar faltas não é porque eu fosse amigo dele. Foi escolhido porque batia melhor que os outros. E batia melhor porque treinava mais", acrescenta Muricy Ramalho.

Com o que concorda seu sucessor no comando tricolor, Ricardo Gomes: "O Rogério trabalha muito, sempre puxa a fila e não foge de exercícios. Além disso, é muito profissional e sempre fala o que pensa".

"Agora, o Rogério diminuiu um pouco a carga de exercícios. No dia seguinte aos jogos, vai fazer regeneração física com os companheiros. Antes, ia para o campo treinar sozinho", acrescenta outro que o acompanha desde sempre, o preparador físico Carlinhos Neves.

Um cara que trabalha pra burro. Um cara sério. Sério demais. Um chato, como definiu um programa humorístico da TV, o mais do Brasil.



Você se considera um cara chato?

Eu sou. Toda pessoa que é perfeccionista, que cobra os outros, é chata. Quem te leva para a balada é legal, quem cobra atitudes é chata. Mas eu só ganhei porque sou chato.

Duas histórias suas na Seleção ajudaram a criar essa fama: você ficou irritado com a história de todos os jogadores terem os cabelos raspados em 97, e, em 2002, se recusou em desfilar no Rio na volta da Copa de 2002. Você se arrepende?

De jeito nenhum. Não pedi para cortar meu cabelo, o cara não é cabeleireiro entra no meu quarto para cortar o meu cabelo à força e eu vou me arrepender? Me lembrou minha época de jogos estudantis, uma coisa nada a ver com Seleção. Quanto ao Rio, a gente tinha ficado 51 dias fora de casa, fiquei 51 dias lá, não fiz nenhum jogo, treinei muito, ajudei em treino de finalização, nunca reclamei de nada. Na volta ainda passamos por Brasília, demorou 500 horas. Mas não fui só eu, o Edmilson, o Roque Junior, todos de São Paulo pularam o desfile do Rio.

Mas e essa fama de chato, de odiado? A gente percebe que, pelo menos fora de São Paulo, os torcedores te adoram, queriam você no time deles. Mas a fama que fica é a de "odiado".

Depende muito do torcedor. Se for o torcedor de organizada, não deve gostar mesmo de mim. Mas as pessoas que eu vejo no restaurante, no shopping, no aeroporto, hotéis, fico contente porque tem muita gente que vem e fala: "sou corinthiano, ou palmeirense, e gostaria de tirar uma foto com você porque tenho admiração". A grande sacada da vida é conviver com as diferenças. Não tenho torcedores e muito menos companheiros de profissão como inimigos.

E se o Corinthians te contratasse...

Não. Já adianto que essa hipótese não existe. Independentemente de dinheiro, eu não iria. Isso é prova de respeito. O respeito que você tem pelo Corinthians e pelo Palmeiras é defender o seu time. O Corinthians é um grande time, vai fazer 100 anos, tem seus ídolos como o Wladimir, que tem mais de 800 jogos, tem o Neto, tem o Marcelinho Carioca, mas não é o meu time. Eles têm jogadores que cumpriram o papel que eu cumpro aqui.

Mas eu queria saber em quanto tempo você iria conquistar a Fiel...

Nenhum dia. Eu não conseguiria conquistar. Não posso demonstrar um sentimento pelo meu time e ir jogar no outro, dizendo que está tudo bem. Eu já não sou só um jogador profissional.

Você se declara são-paulino, faz declarações que provocam os adversários...

Raramente faço provocações, mas deixo claro que sou são-paulino, defendendo esse time faz 20 anos. Esse tipo de postura faz com que você atraia anti-

patia de alguns rivais. É normal. No nosso país, sempre que você se posiciona, seja em qualquer área, até na esportiva, que devia ser entretenimento, mas qualquer posicionamento firme e definido que você tenha, vai sofrer críticas e preconceitos. Se eu fosse diferente, se eu contasse piada, se desse mais risada, se concordasse com tudo que falam, seria uma pessoa mais simpática e querida. Eu não sou assim. Eu vejo a vida de uma forma e tento sempre colocar a minha opinião. Se eu fosse meio bobão, as coisas seriam diferentes. Mas sou original.

Quando ficou claro para você que seria impossível jogar por outro time?

Principalmente a partir de 2005. Com o passar do tempo, ficou cada vez mais difícil sair do São Paulo, principalmente para um clube do Brasil. O torcedor palmeirense ou corintiano não gostaria de ter um são-paulino defendendo o seu time. Por essa atitude, pela identificação com o São Paulo, é que torcedores de outros times me respeitam. Eles falam isso para mim. Nunca desrespeitei adversários. Quase não brinco, não vou imitar o porco, não vou ficar dançando, não vou fazer *rebolution*, nem tenho ritmo para isso.

Se você tivesse ido para o Cruzeiro ou o Goiás, como houve chance....

Aí talvez eu pensasse diferente. Se tivesse ido para o La Coruña, quando o Mauro Silva tentou, se tivesse ido para o Hannover, quando o cara veio aqui... Se tivesse ido para a Grécia, quando encaminhei o cara para o dr. Juvenal. O Goiás foi em 96, o professor Medina estava lá e me convidou. Estava na reserva do Zetti, queria jogar e foi um ano em que o Goiás fez um campeonato ótimo, ficou em quarto lugar. O presidente Casal de Rey não me liberou.

"NUNCA DESRESPEITEI ADVERSÁRIOS.
NÃO VOU FICAR DANÇANDO,
NÃO VOU FAZER REBOLATION"

E a questão do Arsenal? A proposta não foi bem explicada como as outras?

Não gosto de falar sobre isso porque quando se fala certas coisas é preciso provar. O pessoal chegou e o presidente da época nem quis receber no Morumbi.

Você foi enganado por algum assessor seu?

Não fui enganado por ninguém, absolutamente. Ele conversou com as pessoas, um grupo de empresários que queriam me levar. Foi para a reunião porque iria falar com o presidente e comigo. Escutou as propostas, mas como os caras atrasaram e ele tinha uma viagem, não poderia mais ir na reunião. Eu disse que falaria com o presidente, como falo hoje. Mas pelo tipo de pessoas que estavam na direção naquela época, eu deveria ter feito de outra forma.

Você lamenta a oportunidade de não ter jogado na Inglaterra?

Não faz falta nenhuma. Quero ter a experiência de jogar fora, mas hoje prefiro os Estados Unidos.

Quando você começou sua carreira, imaginava que um dia seria o jogador mais importante da história de um dos clubes mais importantes do Brasil?

Eu jamais imaginei que seria jogador profissional. Tive uma oportunidade no Sinop por causa da lesão de outros dois goleiros e recebi a chance de fazer um teste no São Paulo. Passei no teste e tive a oportunidade de escrever a minha história. Não sei se sou o maior porque a cada época a história muda, sempre há muitos jogadores. Talvez as coisas tenham acontecido porque eu não esperei e não planejei. Quando as coisas foram acontecendo, eu me apliquei muito para que elas continuassem e para que eu estivesse até hoje vestindo a camisa do São Paulo.

Quando estiver conversando com os seus netos, tem algum jogo que você faria questão de lembrar: "Olha só como o vovô era fera".

Como emoção, São Paulo e Rosário Central em 2004. Como conquista, o jogo contra o Liverpool. Foi um bom jogo, nada de excepcional, mas foi um bom jogo em um momento muito importante. Pode ter outros excelentes jogos em momentos menos importantes.

Em que lugar você se coloca na história do São Paulo. Com quem você se compara?

Olha, não me comparo a ninguém. Como já disse, a



Ceni em ação contra o Liverpool, uma de suas melhores atuações com a camisa do Tricolor

cada década há grandes jogadores. Houve o Leônidas, sensacional. Houve o Raí, um baita jogador. Teve o Careca antes do Raí, teve o Pedro Rocha antes do Careca. Teve o Gino, teve o Dias e assim vai. Cada um ganhou coisas importantes, cada um teve o seu momento e foi eleito como o melhor pela geração que os viu jogar. Eu me coloco como um jogador importante, pelos títulos, pelo número de jogos e por essa fidelidade ao clube.

Mas, depois da conquista da Libertadores e do Mundial em 2005, você mudou de patamar.

Bem, se for analisar assim, só teremos os jogadores que ganharam em 92 e 93. O São Paulo disputou também anteriormente, da década de 70 em diante, mas não ganhou. Mesmo se ganhasse, não sei se teria tanta repercussão porque os times brasileiros não davam tanto valor à Libertadores. Se for comparar por títulos, fica injusto com o pessoal do passado. Mas é lógico que títulos como o da Libertadores, do Mundial e também o tricampeonato brasileiro ajudam muito. Um grande atleta marca também por coisas pessoais, exclusivas, mas só se torna um grande jogador quando ganha coisas importantes.

A conquista tirou um peso dos teus ombros?

Rapaz, eu me cobro todos os dias da mesma maneira como eu me cobrava antes, mas foi uma realização pessoal que eu tinha como meta. Lembro que há 12 anos eu estava no Japão quando ganhamos o Mundial e aqui no Brasil quando ganhamos a Libertadores e eu pensava: "Será que não vou conseguir completar esse círculo e conquistar os títulos de novo, agora como goleiro titular?". Para mim, foi a concretização de algo que persegui por muitos anos. E conseguimos no se-



segundo ano em que montamos um grande time, porque o time de 2004 também era bom.

Você se define mais como CDF ou talentoso?

Sou um cara que trabalha muito. Acredito que a repetição de exercícios leva a pessoa a melhorar. Mas, além disso, eu devo ter algum tipo de talento para que as coisas deem certo. Sempre cheguei cedo, sempre saí tarde, mas tenho também o dom para jogar futebol e exercer essa profissão. O que me facilitou foi o fato de jogar na linha, o que me permitiu ter esse diferencial de jogar bem com os pés. Hoje, já se vê muitos goleiros cobrando faltas e jogando com os pés, mas quando eu comecei, era um dos pouquíssimos que fazia e por isso ganhei notoriedade.

O fato de jogar com os pés não faz com que os seus méritos como goleiro sejam diminuídos?

Olha, com a mão, a diferença entre os melhores goleiros do Brasil é muito pequena. Um dia faz uma defesa fantástica e no outro dia falha, vai ser assim com todos. Ninguém é infinitamente superior, mas fora do gol, as diferenças aparecem. Hoje, jogar com os pés equivale a 50% do jogo. E os goleiros são cobrados por isso. Se eu descobrir que um goleiro faz alguma coisa boa, nova, vou tentar agregar isso à minha função.

Todos sabem que você tinha um bom relacionamento com o Muricy. Não é estranho que um cara que era tido como o melhor técnico do País de repente virar sinônimo de retranqueiro e adepto de futebol feio?

O futebol está extremamente ligado à vitória, a ser vencedor ou não ser. Ele ganhou três brasileiros se-

guidos. Nosso time ganhou porque era um time muito forte, muito grande. Em 2006, a gente se recuperou da perda da Libertadores e fez um baita Brasileiro. Em 2007, ganhamos com a força da defesa. Tinha um trio de zagueiros [Breno, Miranda e Alex Silva] e dois cabeças de área como o Jean e o Richarlyson que defendiam muito bem. O goleiro era mais ou menos. Em 34 jogos, tinha tomado só 15 gols. Depois que ganhou o título, tomou mais quatro gols em quatro jogos. Nós nos sustentamos com o pilar defensivo. E em 2008, nós ganhamos na alma. Tínhamos 13, 14 jogadores apenas em condição de jogar e chegamos a ter oito jogadores com cartão amarelo. Foi o menor grupo com qualidade que nós trabalhamos nos últimos anos.

Você passou pela transição de um time com uma defesa horrível para outro com a melhor do Brasil. Como aconteceu essa mudança?

Quando você joga com defesa ruim, você participa bastante do jogo. Pega seis, oito bolas, mas leva dois

O primeiro a chegar e o último a sair. Durante o treinamento, com o preparador de goleiros, Haroldo Lamounier

gols. Quando joga com defesa boa, com time que tem boa recomposição, você leva uma, duas bolas por jogo e demora para sofrer um gol. Nos últimos anos, nossa defesa está muito boa. Muda o esquema de três para dois zagueiros, volta para três, está sempre boa.

Mas o que mudou para acontecer isso?

Temos de ser sinceros. Nosso time nos últimos anos é muito melhor do que aquele da década de 90, depois de 94, por ali. O investimento no futebol desde 2003 tem sido muito maior. Em 97, a gente comprava amortecedor para o estádio. Em 2007, a gente contrata uma série de bons jogadores. Não é uma questão de ser injusto, mas realmente os times atuais são muito superiores aos daquela época.

Os times ou os jogadores?

Os jogadores também. Tive ao meu lado nas nossas conquistas pessoas como Lugano, Mineiro e Josué, pessoas que se dedicaram muito.

Você sempre fala do Richarlyson, de quem você gosta muito.

É verdade. Gosto mesmo. O Richarlyson sofre alguns preconceitos, mas comigo não. Minha vida é dentro de campo, depois vou para minha casa. E todo mundo é assim. O Richarlyson tem a dele. Não me preocupo com a vida dos outros. Me preocupo com o cara com quem eu posso contar no jogo, que vai ralar a bunda no chão e trabalhar junto comigo

"COM A MÃO, A DIFERENÇA ENTRE OS MELHORES GOLEIROS DO BRASIL É MUITO PEQUENA"



o tempo todo. Se vai acertar, se vai errar, não é problema meu, é do treinador. Meu problema é saber que posso contar com o cara, que vai dividir todas, que vai assumir.

Todo mundo fala que Libertadores é diferente, parece que é um outro esporte e não futebol. Você mesmo deu declarações de que prefere jogadores altos...

Mas isso não é só para Libertadores. É para qualquer competição. E eu não quero só jogadores altos. Quero jogadores altos e com muita qualidade técnica. Se eu fosse um técnico, gostaria de ter seis jogadores grandes e outros quatro mais baixos para compor. Eu quero o Alex Silva, que é alto e joga bem. Quero o Léo Lima, que tem 1,87 metro e tem toque de bola. Esses jogadores ajudam a fazer uma barreira, ficam no primeiro pau em uma cobrança de escanteio. Jogadores assim tendem a ganhar mais espaço.

Mas é tanta diferença assim?

Vai jogar no Uruguai, com os caras cruzando bola na área aos 40 minutos do segundo tempo. Com jogadores baixos, você não aguenta. Você faz um bom jogo e não consegue segurar o resultado porque os caras te sufocam no final. Enquanto isso, se você tiver um time alto, forte e que sabe se defender bem, você não passa por esses problemas. Pelo contrário, pode ganhar com uma bola parada. Mas eu gosto de jogador baixinho também, como o Messi. Ou como o Jorge Henrique, que não para um minuto, que se dedica em campo, que ajuda em todos os setores.

Mas você acha que Libertadores é diferente?
Lógico que é, a começar pela arbitragem.

Mas não é tudo futebol?

Aqui no Brasil não é futebol. Aqui, encostou, caiu, é falta. No Brasil, ainda se marca muita falta. Na Libertadores, não. É um jogo mais pegado, mais gostoso de jogar. Pode se tornar desleal em alguns casos, mas é um jogo que dá gosto de ver, não vai

parar por qualquer coisinha. Tem partida no Brasileiro com 60 faltas, na Libertadores não chega a 30.

Os campos são ruins?

Tem campo ruim, tem campo bom, tem estádio cheio, tem estádio vazio, mas na reta final, os campos são todos bons e os estádios ficam todos lotados.

O time atual não permite muitas viradas?

Realmente, ainda não adquirimos a consciência tática dos outros anos, mas acho que você está falando

"NA LIBERTADORES NÃO SE MARCA TANTA FALTA. É UM JOGO MAIS PEGADO, MAIS GOSTOSO DE JOGAR"

de viradas baseando-se apenas nos jogos contra Botafogo e Goiás do ano passado. Houve essas duas que fizeram com que a gente perdesse o Brasileiro e essa agora para o Once Caldas. Derrotas em jogos importantes marcam muito, ganham muito destaque.

Isso preocupa?

Sim, a gente sabe que ainda não tem um grupo pronto para ser campeão da Libertadores, mas também sabemos que ela não vai se decidir agora. Temos bons jogadores, mas ainda temos de evoluir, principalmente como time.

O fato de mudar muito o time não atrapalha? O Cicinho foi escalado em várias posições.

Não acho que atrapalha. O Ricardo testou o Cicinho como lateral e na segunda linha de quatro. Agora, já tirou suas conclusões e vai escalar onde achar que ele rende mais. O mesmo com o Jorge Wagner. Experimentou na ala e no meio. Não tem problema em experimentar, agora vai definir a posição correta.

Qual o tamanho de sua influência no São Paulo? Você indica jogador?

Não indico jogador, só comento. Outro dia elogiei o Tinga, da Ponte, que tem um grande poder de recomposição. É um jogador pronto para ajudar o time e quem contratá-lo estará fazendo um grande negócio, mas eu não indiquei. Só comento, mas isso ganha repercussão porque fui eu que comentei. O Milton Cruz cuida dessa parte. E faz isso bem melhor do que eu. Uma vez me perguntaram sobre o Rodrigo, zagueiro, e eu disse que não co-

nhecia. O Luís Fabiano disse que ele era muito bom e ele veio para cá.

E você já foi consultado sobre algum jogador e disse que não daria certo?

Não, porque eu não falo. Quando não gosto, prefiro não dar opinião. Respeito os companheiros de profissão e não falo mal, prefiro ficar calado. Quando me perguntam sobre um jogador e eu acho bom, recomendo na hora.

O que você acha do Guinazu e do Fernandão?

São ótimos. O Guinazu, pela dinâmica, pela marcação, por preencher espaços. O Fernandão cabeceia muito bem. Os dois são líderes, são acima da média.

Então, os dois e mais o Tinga estão contratados para 2011?

Ah, isso é com o presidente. Eu conto com um grupo muito bom e que está lutando para levar o São Paulo bem longe. ■

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ